

VOZES DIVERSAS

DIFERENTES SABERES



SALÃO DE  
INICIAÇÃO CIENTÍFICA  
XXX SIC

15 A 19  
OUTUBRO  
CAMPUS DO VALE



## A FUNÇÃO DA FANTASIA NAS NARRATIVAS CONFIGURADAS POR UMA EQUIPE DE CREAS ACERCA DA VIOLÊNCIA SEXUAL



Autora Laura Mirapalmete Graña  
Orientadora Luciane De Conti

Esse trabalho é um recorte da pesquisa intitulada *A tessitura da escuta a crianças em situação de violência/abuso sexual pelos profissionais na rede de assistência*, que tem por objetivo geral investigar os efeitos de significação que a oferta da escuta a crianças em situação de abuso sexual e seus familiares produz nos profissionais responsáveis pela sua assistência.

O objetivo específico deste trabalho foi compreender a função da fantasia - conceito psicanalítico - enquanto operador potente na tarefa de elaborar a tessitura narrativa configurada pela equipe acerca das situações de abuso sexual acompanhadas por ela.

A produção de dados da pesquisa foi feita ao longo do acompanhamento às reuniões de equipe de um CREAS em Porto Alegre, que foram gravadas e transcritas. Para a análise desse material, foi utilizada a metodologia de construção do caso clínico. Em nosso estudo, tomamos as narrativas configuradas nas reuniões pela equipe enquanto caso clínico.

Com base no estudo deste operador, conclui-se que o espaço da reunião de equipe tem a função de encadear significantes em uma narrativa que dê bordas simbólicas aquilo que parece intolerável, pois se inscreve na ordem do real: o encontro com situações de abuso sexual na infância. A reunião de equipe se constitui, dessa forma, não apenas como o momento de discussão e deliberação a respeito da melhor forma de intervenção em determinada família, mas sobretudo enquanto espaço para o trabalho de articulação fantasmática, sendo esta entendida como a rede de significantes que dão sentido ao real.

A construção da fantasia possibilita a apropriação da equipe a respeito das situações vivenciadas, tornando-as passíveis de serem delimitadas através da construção de cenas. Em psicanálise, a passagem da cena ao significante é fadada a ser incompleta, pela queda do objeto *a*; ainda assim, é o trabalho possível diante do real e, portanto, tem qualidade vital para um fazer não-adoecedor na assistência social. Destaca-se, portanto, a importância de garantia deste espaço que é, por vezes, abreviado em função das demandas do serviço.